

Deslocando as invasões

Há 16 anos, começou a transferência das primeiras famílias para o local que hoje é a maior cidade-satélite do Distrito Federal. O próprio nome da nova cidade, tirado da sigla CEI (Campanha de Erradicação de Invasões) já dizia da intenção de deslocar invasões que traziam problemas de ordem estrutural ou política para um local mais afastado do Plano Piloto. Coube ao primeiro governador do DF (antes eram chamados de prefeitos), Hélio Prates da Silveira, concretizar a transferência das Vilas do IAPI, Esperança, Bernardo Sayão, Morro do Querosene, Placa da Mercedes e Tenório.

As justificativas para a mudança, para quem estava no local nesta época, vão desde o mais puro folclore até razões técnicas. Os mais de esquerda, por exemplo, enclausurados no regime autoritário do início dos anos 70, apressaram-se em dizer que a mudança seria para afastar a pobreza do Plano Piloto e não «macular» a imagem da capital da República. Corre por conta disso uma história segundo a qual a primeira-dama de Portugal visitou Brasília no início da década passada e, preocupado com a imagem da cidade para tão ilustre visita, o governo teria construído um desvio asfaltado, às pressas, para que ela não passasse pela Vila do IAPI em seu tour pela cidade.

Oficialmente, a justificativa para a transferência das invasões foi a de que as diversas vilas estavam poluindo os mananciais de água de Brasília, preocupando as

autoridades. A remoção, segundo contam antigos moradores, preocupou até o Alto Comando do Exército, que na época cobrou das autoridades civis explicações detalhadas sobre este processo de transferência. Depois de muitas reuniões e questionamentos, o dia 27 de março de 1971 viu chegarem à Ceilândia os primeiros moradores, que se instalaram onde hoje é a QNM 23. As autoridades, na época, ficaram confortavelmente em um dos barracos para inaugurar de fato a cidade que, algumas horas depois, já não tinha uma gota d'água em suas torneiras, o seu primeiro grande problema.

Durante o primeiro ano de vida, as dificuldades foram muitas, mas a vontade de vencer era enorme. Falta de água (o abastecimento era feito por carros-pipas), construção dos barracos e problemas com transporte urbano eram compensados com o espírito de colaboração da população. Projetada apenas para ser mais uma cidade-satélite, o aglomerado se tornou maior do que Taguatinga e o próprio Plano Piloto. E aos 16 anos de idade, a cidade continua a crescer e a mostrar o seu poder de força: colocou no Congresso Nacional sua ex-administradora regional, Maria de Lourdes Abadia, que esteve à frente da cidade durante vários anos. De reunião de invasões ao posto de 14.^a cidade brasileira em população, o caminho foi longo e ainda será preciso muito tempo para resolver os problemas estruturais da cidade.